







Título Original: A Travessia

Autor: Bruno Murteira dos Santos

Copyright © Editora Nova Geração & Bruno Murteira dos Santos

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Marina Oliveira

Revisão: Rita Félix e Ana Domingues

Paginação: Tânia Roberto

Capa: Rafaela Silva

1ª Edição: outubro de 2026

Acabamento/Impressão: NPrint

© 2026

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação do autor ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal:

ISBN: 978-989-4908-91-3

editora
**nova
ger**



A quem transformou o medo em passo e o passo em
travessia. Que a tua luta te leve a prevalecer.



Avisos de Gatilho

Violência gráfica e gore; Morte e luto; Tortura e crueldade humana;
Violência com armas de fogo; Sofrimento/Perigo envolvendo jovens;
Sofrimento/Perigo envolvendo grávidas; Linguagem forte.

A Playlist do livro





Nota do Autor

Este livro começa no depois. Bruce e Marie não regressam, como muitos leitores (e amigos) magicaram e teorizaram após ler o livro anterior. Não estamos num mundo de fantasia onde tudo vai ficar bem; o luto é a estrada onde Brian aprende a pôr um pé à frente do outro. *A Travessia* afasta-se da urgência do primeiro volume para habitar o território onde a sobrevivência se torna rotina e carácter. É um livro sobre a lei do mais forte e sobre a força que nasce quando alguém escolhe ficar. Fala da família que se cria, da quebra de inocência e das zonas cinzentas onde quase todas as escolhas têm um preço.

Quis escrever uma história de caminho, não de destino. Menos mapas, mais decisões. Brian carrega perdas e tenta corresponder ao peso que os vivos colocam nos ombros uns dos outros. As lealdades são testadas, a vingança seduz, a esperança exige trabalho. Não há heróis imaculados; há pessoas a improvisar humanidade num mundo que a perdeu. Quando a compaixão falha, resta o compromisso. Quando o medo aperta, aprende-se a avançar mesmo assim.

Pensei nos leitores enquanto escrevia e na promessa de não tratar a dor como um espetáculo. Se esta travessia te deixar com um silêncio pesado e, ainda assim, com vontade de continuar, então cumpriu o seu papel. A esperança aqui não desce do céu, constrói-se com mãos sujas e escolhas difíceis.



Os monstros são reais. Os fantasmas também.
Vivem dentro de nós e, às vezes, vencem.
Stephen King, The Shinning





A Ruptura

O MEU nome é Brian. Brian Foster. Nasci em Richmond, EUA, há dezassete anos. Nada mais sou que um típico adolescente na idade mais conturbada da vida, o pico das hormonas e do crescimento, tanto físico como mental. Mas o mundo como o conheci desapareceu. As regras e padrões morreram juntamente com milhares de pessoas.

Algures entre dezembro e janeiro, uma epidemia de dimensões preocupantes e contornos dignos de um filme de terror assolou o planeta Terra a uma escala mundial: Um ser humano morre, o coração deixa de bater, mas minutos mais tarde, o cérebro volta a ativar-se e a pessoa retorna como um morto-vivo, um ser sem emoções nem memórias. Um corpo oco, e uma mente igualmente vazia, que nada mais procura que devorar toda a carne humana que encontra pelo caminho.

Os militares cercaram Richmond naquilo que se tornou o pico do cataclismo, numa tentativa de controlar o incontrolável. Estava com uma amiga minha, Marie Bennet, em plena aula de condução. Tentámos voltar para as nossas famílias, mas nunca mais tivemos rastro delas... O nosso instrutor de condução, Bruce Owen, fugiu connosco da cidade antes que a situação se descontrolasse, deixando para trás uma Richmond em chamas.

No início o nosso objetivo era simples: Bruce procurava a sua noiva desaparecida, Emily, na quinta dos arredores onde a família dela tinha residência; e nós os nossos pais, ao longo da estrada. Mas nada saiu como esperávamos, quando tudo o que encontrámos foi uma família (os Jacksons) enlouquecida pela morte de um familiar que mantinham cativa já morta-viva e que iria fazer de nós, jantar! Felizmente o Bruce salvou-nos e conseguimos escapar.

Entendemos rapidamente que a vida tinha agora contornos específicos e que ao longo do tempo, para nos mantermos vivos, tínhamos de ter em mente algumas regras importantes:

Primeiro: Os seres humanos voltam sempre como mortos vivos. Seja qual for a forma como morrem, os seus cérebros voltam à vida em busca de carne.

Segundo: Quando és mordido, estás praticamente fodido. A mordida acelera um processo de infeção, que inclui febre alta, astenia e acaba na tua morte. Passa rapidamente do membro infetado para o resto do corpo a velocidade relâmpago. Posteriormente ressuscitas como uma daquelas criaturas mortais.

Terceiro: Para acabares com um deles, tens de acertar no cérebro. A bem-dizer, tens de destruir o cérebro. Podes mutilar, eviscerar ou decapitar um *zombie*. Ele só vai parar quando o centro de comando estiver completamente disfuncional.

Se tiveres estes cuidados, tens mais chances de ver o dia nascer novamente. A maioria da população não teve essa sorte.

Pelo caminho conhecemos outras pessoas: num parque de campismo três bombeiros amigos: Marcus, Dennis e Jack; assim como uma mãe e filha: Claire e Tanya. Mas a nossa sorte durou pouco tempo. Jack foi mordido e com um ato de humanidade e compaixão por parte dos amigos de não o quererem abandonar, tivemos como resultado a morte de Tanya às mãos de uma horda de *zombies*. Fugimos e fizemo-nos à estrada. Para onde? Ninguém sabia.

Fomos mais tarde dar de caras com um grupo de namorados misteriosos que se alojaram numa pequena cidade chamada Dale City. Elizabeth e Christopher (mais tarde conhecidos por Liza e Chris, quando a confiança entre nós aumentou) sempre foram um par com uma energia e dinâmica diferente do comum: Liza é uma pessoa marcada por um passado conturbado, sendo fria e calculista. Com atitude super *badass*¹! Já Chris é um homem enérgico e brincalhão, com uma piada sempre pronta para aliviar a tensão nos momentos mais complicados. Assim que as confianças dos dois grupos alinharam-se, Liza sugeriu um plano: Tomar de assalto um asilo nas imediações de Washington DC, um local seguro para sobreviver até as coisas assentarem. Mas assim que lá chegámos, deparámo-nos com algo que não estava no programado: O asilo estava habitado por uma comunidade de sobreviventes, liderados por Gage, formada de pessoas que encontraram refúgio no edifício e viviam dentro das cercas, protegidas. O plano foi por água abaixo, mas fomos convidados a permanecer.

¹ Durona.

Lá senti-me seguro. Pela primeira vez em muito tempo, tive um lar, uma sensação de estabilidade e de sentimento de segurança. Não tinha de me preocupar constantemente com os *zombies* a atacarem-me quando menos esperava. Fiz novas amizades e conheci também pessoas menos «simpáticas». Conheci o casal de namorados Jordan e Lucy, o pai de Jordan, Stan. Travei amizade com Kyle. E desprezei a forma sem pudor com que Kelly, uma ex-prostituta, se atirava a todos os homens.

Tinha tudo um gosto a regresso à civilização. A reestruturação de uma pequena sociedade. Mas mais uma vez, nada resultou.

Claire não aguentou a mágoa de perder a filha no parque de campismo e lançou-se de uma janela, falecendo. Para além disso, pairava no ar um ar de desconfiança em redor de Gage e da sua liderança. No fim, e após alguma investigação, o meu grupo arranjou forma de entrar num andar interdito e perceber que Gage matara todos os idosos e deficientes do asilo, de forma a prevalecerem apenas os mais fortes. Foi no momento destituído da sua condição de líder, essa que inevitavelmente recaiu sobre alguém que tomava decisões: Bruce.

O Bruce é a razão de eu ainda estar aqui para contar a história. De eu ter sobrevivido. De nós termos sobrevivido, mesmo que não todos... Inúmeras vezes fui salvo por ele, até mesmo quando fui alvejado por um grupo de delinquentes autodenominados «Suspiros da Noite». Vim a saber que eles mantinham um pacto com Gage: Enquanto continuassem a fornecer mantimentos, o asilo estava fora de perigo. Mas Gage saiu da equação e num momento de fuga, Bruce foi feito prisioneiro e castigado pela quebra do acordo.

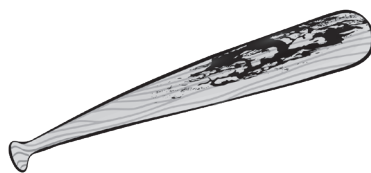
Pelo que Marcus me contou posteriormente, Bruce teve a ajuda de Allison, que pertencia aos «Suspiros da Noite», mas que entrou em desacordo com os seus ideais. Nós sem nada sabermos, mantivemo-nos no asilo, mesmo que a maioria da comunidade tivesse levado o desaparecimento do Bruce como um sinal para fugir. No fundo, elas é que estavam certas. Harold, o líder dos Suspiros, planeou um ataque para tomar o asilo.

Bruce regressou, mais uma vez todo ele a emanar heroísmo. Alertou-nos do perigo que corríamos e os minutos que dispusemos para nos prepararmos foram fulcrais. Mas esta história não tem um final feliz.

No caminho para o asilo, Bruce lutou contra o tempo após ter sido mordido no braço. Os seus últimos tragos de ar neste mundo serviram para nos ajudar a fugir dali, deixando o edifício em prol da sobrevivência.

Nesse momento, após o rescaldo do combate e longe de perigo, percebi que Bruce morrera. Marcus confirmou-me que foi ele que apertou o gatilho contra a cabeça de Bruce... Mas pelo caminho, a pessoa que eu comecei a considerar como a minha melhor amiga... a pessoa que mexia com o meu coração, Marie, morreu também na fuga, trespassada por uma bala nas vísceras.

Tudo à minha volta ruiu, mas eu continuo firme, um pilar de um edifício que caiu por terra. Tenho de ser forte. Tenho de seguir em frente, para o desconhecido.



Prólogo Quem sou eu?

LEMBRO-ME como se fosse ontem. Das manhãs gélidas de inverno, do corpo enterrado sob mantas e lençóis quentes, da preguiça que me fazia adiar o inevitável. Era quase sempre o último a levantar-me naquela casa — e a minha mãe não perdoava. Bastava passar um minuto além do que ela considerava aceitável e eu era arrancado da cama sem misericórdia. O meu pai? Raramente se importava. Às vezes, era ele o alvo das suas reprimendas. Verdade seja dita: éramos felizes assim.

Ser filho único teve as suas vantagens. A maioria das decisões lá em casa acabava por me favorecer. Quando nos mudámos para uma moradia nos arredores de Richmond, bem longe do centro, os meus pais deixaram-me continuar os estudos na mesma escola — apesar de haver uma bem mais perto. Já lá tinha amigos. E isso bastou.

Foi nesse ano de mudanças alucinadas que conheci a Marie.

Sempre foi simpática comigo, embora ao início só trocássemos um «bom dia» e um «até amanhã». A amizade surgiu quando decidimos tirar a carta de condução. Inscrevemo-nos na mesma escola. Ficámos com o mesmo instrutor: Bruce Owen. Desde o primeiro dia em que entrei naquele carro, percebi que ele era diferente. Um tipo porreiro, genuíno.

Marie manteve-se sempre ao meu lado. Aos poucos, começou a descontrair, a abrir-se. As viagens com Bruce tornaram-se uma rotina acolhedora. Foi ali que começámos a falar verdadeiramente, no banco de trás de um carro em movimento.

Na véspera de Natal, Marie apareceu em minha casa com um presente. Uma pulseira de missangas pretas — uma das minhas cores favoritas — com pequenos relevos esculpidos em cada conta de madeira. Lembro-me de a ter guardado como se fosse um segredo.

Algures em janeiro, decidi que tinha de esclarecer o que sentia por ela. A tensão pairava no ar, pelo menos para mim. Planeei a confissão:

esperaria pelo fim da aula prática, puxaria conversa no caminho para casa e, se tudo corresse bem, convidá-la-ia para sair. Ia arriscar.

Era só esperar pela aula acabar. Mas a aula nunca acabou.

Esperava levar uma nega e voltar para casa, comer com os meus pais, fingir que nada se passara.

Mas quando voltei para casa... já lá não estava ninguém. Foi nesse dia que o mundo entrou em ruptura...

Às vezes pergunto-me: terei sonhado tudo? Ou estará tão distante que se confunde com imaginação? Quem foi Bruce? Quem foi Marie? Sei que morreram. Isso lembro-me. Mas... como posso ter a certeza, se nem consigo pensar direito? *Zombies*? Sangue? Gente a enlouquecer?

O que é isto? E o que virá a seguir?

Mas há uma pergunta que se tornou mais insuportável do que todas as outras, nos últimos tempos. Uma que ressoa dentro de mim como um grito oco:

Quem sou eu, realmente?



O sangue escorre vermelho vivo e ainda quente. As minhas mãos estão cobertas dele e até a pistola ficou salpicada, goteando grossas gotas rosadas contra o chão, num tempo quase cronometrado e espaçado.

Levanto-me e retiro os joelhos do chão, deixando em paz o corpo que estava por baixo de mim, inanimado e agora também inofensivo. Não existe qualquer dúvida que está morto, duas vezes. Não voltará para me atormentar, já que me certifiquei de desfazer o cérebro para impedir que isso acontecesse. A cara estava desfeita, embebida também numa poça de sangue, mas eu sei muito bem quem aquela pessoa era, eu conhecia-a, eu convivi com ela e agora, acabei com a sua vida.

Mantive os olhos baixos durante o que me pareceram minutos intermináveis, mas o corpo acabou por trair-me — e, sem querer, dei por mim a encarar rostos que conhecia demasiado bem. Uns estavam aterrorizados, outros surpresos, enquanto o resto estava apático. Aquelas pessoas não eram muitas, algumas foram-se perdendo pelo caminho até ali, mas as poucas que sobraram, estavam de uma forma ou outra a julgar-me.

Rocei as unhas na bochecha depois de uma comichão repentina, de tal forma que até me esqueci do sangue que me escorria pelas mãos,

acabando por manchar a cara. A respiração ainda estava acelerada. Atirei a arma para o chão, para bem longe de mim, lançamento este que acabou com dois leves batiques do metal a rebolar pela relva rasteira.

Gritei alto e bom som, como nunca antes, até os pulmões ficarem sem qualquer ar disponível, para depois recuperar o fôlego e continuar, num círculo vicioso e enlouquecedor. Gritei pelo que acontecera, berrei por estar cansado, por sentir raiva, por tudo o que aconteceu e até pelo que estaria por acontecer. Gritei pelos meus amigos, por Bruce; gritei por Marie e por todos os que perdi, incluindo os meus pais, sentimento este o mais dilacerante dos últimos meses. Gritei para não chorar, mas acabando por o fazer, com grossas lágrimas a quererem espreitar pelo canto dos olhos. Gritei por mim e por todos.

— VAI... PARA... O... INFERNO! — gritei por fim, pisando e chutando o corpo inanimado.

E depois o que eu temia aconteceu. Nada melhorou. O vazio voltou, como se nunca me tivesse abandonado



Volume 3

Living with the Unknown²

«When I lose everything that I know, how can I prove that I still exist?»³



² Viver com o Desconhecido.

³ Quando perco tudo o que conheço, como é que posso provar que ainda existo?

